

Resenha

Diante da dor dos outros

(SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2003)

Lorena TRAVASSOS¹

Este livro foi o último trabalho não-ficcional de Susan Sontag, ensaísta, crítica e ativista norte-americana, publicado e editado pela Companhia das Letras no Brasil em 2003, no mesmo ano em que foi produzido nos Estados Unidos. A obra é composta por nove tópicos não conclusivos e interrelacionados, onde a autora analisa a evolução da iconografia do sofrimento, retomando as pinturas de Goya, a começar pela água-forte “*Tampoco*” que ilustra a capa, assim como as fotografias produzidas na Guerra Civil Americana, Primeira Guerra Mundial, Guerra Civil Espanhola, campos de concentração nazista, dentre outras, até chegar às imagens reproduzidas após o atentado ao World Trade Center.

Diante da dor dos outros não apresenta sumário, títulos nos tópicos ou uma narrativa linear, contudo obedece a um encadeamento de ideias que podem ser retomados ao longo do livro. A unidade que permeia todos os tópicos se traduz na questão: Como agimos diante da dor dos outros?

No primeiro tópico são apresentadas as observações de Virgínia Woolf sobre as fotos da Guerra Civil Espanhola em seu livro *Três Guinéus* (1938). Presume-se que para Woolf a fotografia deva falar por si mesma, sem necessidade de legendas, pois para ela o que importa é o caráter arbitrário da guerra. Mas Susan Sontag, ao contrário de Woolf, acredita que “para o militante a identidade é tudo” (2003, p.14) já que uma fotografia pode ser utilizada para diversos fins bastando mudar apenas a legenda. Por isso é de importância para a análise das imagens levar em conta o conflito e as nações que participam dela.

O segundo tópico será principalmente direcionado à história da fotografia e do fotojornalismo e do paralelo entre guerra e o desenvolvimento técnico, pois a fotografia evoluiu para trazer mais rapidamente as notícias da guerra para os jornais. Durante a

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGC/UFPB)

Primeira Guerra as câmeras eram pesadas e só podiam ser apoiadas em um tripé, dificultando as imagens de campo. A partir da Segunda Guerra Mundial, em 1945, foram criadas câmeras menores (Leica) e filmes 35mm, facilitando a mobilidade e as fotos espontâneas de guerra. Foi com essa evolução técnica que se conferiu legitimidade aos fotojornalistas, tendo como uma das consequências a criação da Agência Magnum, em 1947, como a primeira cooperativa de fotojornalistas espalhados pelo mundo, para coletar imagens de conflitos.

No terceiro tópico a autora relata a evolução da iconografia do sofrimento, citando obras de Laoconte e versões da Paixão de Cristo para ressaltar que antigamente o sofrimento era ilustrado como degrau para encontrar a purificação. O contrário acontece nas imagens produzidas a partir do século XVIII, a exemplo de Goya, que passaram a retratar o sofrimento causado pela ira humana, e não a divina.

O tópico quatro traz a afirmação de que não existe guerra sem fotografia, pois guerrear e fotografar são atividades congruentes (disparo da câmera, disparo da arma). Até a Primeira Grande Guerra, o ato de lutar foi considerado um fato heroico e corriqueiro, e os fotógrafos de guerra eram testemunhas que traziam as imagens desses heróis que lutavam em nome de uma nação. Apenas na Guerra do Vietnã a fotografia tornou-se uma crítica à guerra, mesmo não sendo publicadas pelas empresas de comunicação, por não interessar uma campanha antibelicista. Esse foi um momento de maior reflexão sobre o verdadeiro motivo desse conflito imperialista.

O quinto tópico examina o papel de memória da fotografia. Para a autora, toda memória é individual e não pode ser reproduzida, por isso não existe “memória coletiva” e sim uma “instrução coletiva”, onde não há rememoração, mas algo estipulado por alguém: isso é importante e foi assim que aconteceu. Sontag também relata que nos Estados Unidos é comum esconderem as imagens que mostram os estragos de suas guerras, mas possuem um museu com crimes praticados no exterior, o Museu do Holocausto, por exemplo.

A mídia dos Estados Unidos, após o atentado às Torres Gêmeas também é criticada por Sontag. As imagens apresentadas nos principais jornais americanos não mostravam os corpos encontrados nos escombros, por determinação do Estado, para evitar mais sofrimento por parte dos familiares das pessoas mortas. Apenas um jornal sensacionalista publicou uma mão mutilada sobre os destroços do acidente. Um

paradoxo de um lugar que exalta o exótico e explora a dor dos outros, mas seus cidadãos são moralmente respeitados.

No sexto tópico é discutido o prazer que as pessoas têm em ver cenas de dor e mutilação. A atração por essas imagens foi constatada por grandes autores de distintas épocas, como em Sócrates, que viveu quatro séculos antes de Cristo, e em Georges Bataille, escritor erótico do século XX. Atualmente é fácil constatar esse desejo ao observarmos que um acidente de trânsito atrai vários espectadores que, curiosos, assistem todo o processo da desgraça humana.

O tópico sete traz o questionamento sobre a função da mídia e do embotamento do espectador diante das imagens violentas. A questão será levantada a partir da afirmação em seu livro *Sobre fotografia* (1977). Sontag acreditava na época que apesar do caráter de realidade da fotografia, a repetição da sua exposição tornaria o assunto explorado menos real. Posteriormente, a autora muda de opinião em razão de não ter sido levado em conta a subjetividade do espectador e, sabendo disso, ela considerou que nem todas as pessoas são insensíveis diante da repetição das imagens de violência. Da mesma forma, não há, para a autora, a “sociedade do espetáculo”, já que essa ideia generaliza a sensibilidade das pessoas diante do sofrimento dos outros, reduzindo-as a meros consumidores de notícia.

É no oitavo tópico que Sontag defende que as imagens de guerra têm que existir por constituir uma simbologia daquilo que o homem é capaz de fazer. Essas imagens são um convite à reflexão, mesmo quando representam apenas uma fração do que aconteceu.

No nono e último tópico é discutido o cenário ideal para a análise das imagens. Ao publicar fotografias em revistas, corre-se o risco de dividir a página com um anúncio, já que os meios de comunicação são empresas que vendem seus espaços. De acordo com essa conjectura, o livro seria o lugar mais apropriado para a apreciação das imagens de tragédia, por permitir o olhar por tempo indeterminado e não dividir espaço com publicidades que podem tirar a seriedade necessária do momento. Sobre esse aspecto, a autora destaca a fotografia de Robert Capa de um soldado republicano no momento de sua morte na Guerra Civil Espanhola, publicada na revista *Life* (1937) ao lado um anúncio de pomada para cabelos.

Diante da dor dos outros é uma obra que não apresenta respostas fechadas sobre como devemos agir ou pensar diante das imagens de guerra. Portanto, permite refletir acerca da subjetividade individual e das nossas questões morais frente a elas. Ao mudar de canal quando uma imagem desagradável se apresenta, não estamos mudando a realidade, por isso somos levados a concordar com a autora: as imagens de sofrimento tornaram-se importantes e inevitáveis enquanto pudermos refletir sobre esses símbolos.

O livro traz como contribuição para a Comunicação, a apresentação de uma análise das principais narrativas fotojornalísticas do século XX, além de estimular um novo olhar crítico acerca das imagens que são expostas pela grande mídia e permitir uma discussão sobre a recepção dessas imagens.

Com uma escrita acessível e crítica, a autora nos permite acompanhar suas proposições numa leitura livre, nos convidando a refletir sobre as imagens e a exercitar a compaixão, como um músculo, diante da dor dos outros.